

Ucrânia envolvida em morte de general russo

Ucrânia assume morte de general da Rússia

Comandante das forças de defesa química, radiológica e biológica foi assassinado durante explosão de patinete elétrico, no centro de Moscou. Governo Putin classifica aliados ocidentais como "cúmplices" e promete punição "sem piedade"

RODRIGO CRAVEIRO

Às 08h12 de ontem (18) em Brasília, o general Igor Kirillov, 54 anos, saiu do prédio onde morava, na Avenida Ryazansky, na região sudeste de Moscou, para encontrar a esposa. Uma carga de 300g de trinitro-glicerina (TNT) escondida dentro de um patinete elétrico matou o comandante das forças russas de defesa química, radiológica e biológica e o assessor Ilya Balkarov. O atentado, ocorrido a 7km da Praça Vermelha e do Kremlin, foi reivindicado por uma fonte do Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU).

Em declarações à agência France Presse, ela classificou o assassinato como "operação especial" e chamou Kirillov de "criminoso de guerra". A Rússia acusou os aliados ocidentais da Ucrânia de "complicidade" pelo crime. "Todos os que celebraram esses ataques ou que deliberadamente se calam sobre eles são cúmplices", declarou o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova.

O ex-presidente russo Dmitri Medvedev, vice-presidente do Conselho de Segurança, declarou que "as tentativas de intimidar nosso povo, deder o avanço do Exército russo e semear o medo estão condenadas ao fracasso". A Duma, Câmara Baixa do Parlamento, rendeu um minuto de silêncio em homenagem ao general morto.

Konstantin Kosachev, vice-líder do Conselho da Federação (Câmara Alta), avisou que "os assassinos serão punidos, sem nenhuma dúvida e sem piedade". Por sua vez, o site do jornal russo Kommersant referiu-se ao atentado como "um crime sem precedentes" e destacou que Kirillov "não era o comandante mais importante envolvido na operação especial russa na Ucrânia."

Um vídeo divulgado nas redes sociais mostra o momento da explosão. As imagens exibem o que parece ser o patinete elétrico encostado na parede, ao lado da



Corpos de Igor Kirillov (alto) e do assessor são vistos diante do prédio onde o militar morava, na Avenida Ryazansky, na capital russa

entrada do prédio. Kirillov dá cinco passos em direção ao carro, quando ocorre a explosão. Na segunda-feira, promotores ucranianos condenaram Kirillov, "in absentia", por ter lançado mão de armas químicas proibidas durante a invasão.

O Ministério das Relações Exteriores do Reino Unido recusou-se a condenar o assassinato do general. "Não vamos lamentar a morte de um indivíduo que participou de uma invasão ilegal e impôs sofrimento e morte ao povo ucraniano", declarou um porta-voz do governo britânico.

"Alvo legítimo"

Para Petro Burkovsky, analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilya Kuchert (em Kiev), o fato de Kirillov ter sido um general e o responsável pelas defesas químicas, biológicas e radiológicas de Moscou o tornou

um alvo legítimo. "Ele era um tomador de decisões. O ataque atingiu as capacidades defensivas da Rússia e o programa de armas de destruição em massa do Kremlin. Ao mesmo tempo, Kirillov tinha acesso a informações confidenciais sobre os planos russos nessas áreas. A Rússia herdou as capacidades soviéticas no desenvolvimento de armas biológicas e radiológicas. Isso inclui as "bombas sujas" e as munições termobáricas (que usam o

ogênio para gerar grande pressão interna e potencializar a destruição)", explicou ao Correio. "Por tudo isso, Kirillov era um alvo legítimo, pois ser um dos principais líderes militares a participar da guerra", acrescentou Burkovsky. O especialista disse ter ficado "agradavelmente surpreendido" com o fato de o SBU, a inteligência ucraniana, ter cumprido com o objetivo e atingido o alvo com êxito. "Generais como Kirillov, normalmente, têm

uma segurança muito reforçada. Foi um erro imenso, uma falha gigantesca da contrainteligência russa. Mostrou que os generais russos do alto escalão estão vulneráveis a esse tipo de ataque, mesmo no coração de Moscou", comentou Burkovsky.

Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade Nacional de Kyiv-Mohyla, lembrou que esta não foi a primeira morte de russos envolvidos em crimes de guerra na Ucrânia. "O general foi o responsável por usar armas químicas. Ele era um alvo legítimo, pois se trata de uma guerra, um crime de guerra", disse ao Correio. "A inteligência ucraniana mostra que criminosos de guerra serão punidos, mesmo se estiverem na Rússia", disse ao Correio. "É uma mensagem muito importante para aqueles militares russos que participam diretamente da agressão à Ucrânia."

Personagem da notícia



Mestre da desinformação

Desde 2017, Igor Kirillov ocupava o cargo de chefe as Tropas de Defesa Radiológica, Química e Biológica das Forças Armadas da Rússia. Acusado "in absentia" pelo uso de armas químicas proibidas durante a guerra na Ucrânia, o general teria sido o responsável direto por 4,8 mil casos de utilização dessas munições proibidas na ex-república soviética. Além disso, Kirillov era conhecido como um porta-voz da desinformação do Kremlin, ao disseminar fake news (notícias falsas) alusivas ao conflito entre Moscou e Kiev.

Em outubro de 2022, Kirillov afirmou que a Ucrânia planejara detonar uma "bomba suja" para espalhar material radioativo em seu próprio território. Na ocasião, disse que o plano estava em sua "fase final". Também sem evidências, alegou que os ucranianos pretendiam usar "substâncias radioativas retiradas do lixo nuclear produzido pela usina atômica de Chernobyl. No mês passado, declarou que os militares da Ucrânia tinham invadido a região de Kursk, na Rússia, para capturar uma instalação nuclear.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo Pagina: 11